Transição Agroecológica: experiência da unidade de produção de Dulcimar Graboski

Dulcimar Graboski[(1)]; Érico Jonatan Oliveira de Lima[(2)]; Márcio Freitas Eduardo[(03)].
Universidade Federal da Fronteira Sul; (2). (1) Universidade Federal da Fronteira Sul; (2) Universidade Federal da Fronteira Sul. (03) Universidade Federal da Fronteira Sul.
dulcimar.fg@gmail.com

Este relato de experiência descreve a transição de um sistema de agricultura familiar convencional para o modelo de produção agroecológica na região Norte do Rio Grande do Sul. O histórico do produtor inicia-se em Aratiba, com cultivos típicos como soja, milho e feijão. Contudo, após duas décadas de atuação no setor, surgiu o objetivo de desenvolver uma produção voltada a alimentos orgânicos com marca própria, o que motivou a aquisição de uma propriedade rural no município de Gaurama. A área escolhida em Gaurama possui recursos hídricos significativos, sendo banhada pelo Rio Ligeirinho e dotada de mata ciliar preservada e diversas fontes de água. No primeiro ano de manejo, focou-se na recuperação do solo através da implantação de pastagens para adubação verde. Simultaneamente, iniciou-se o plantio de um pomar diversificado, composto por cítricos, pêssegos, caquis, ameixas e o cultivo de kiwi nas delimitações da propriedade. Um marco determinante na profissionalização do projeto foi a associação à Ecoterra, de Três Arroios. Através dessa parceria, a propriedade passou a receber orientações técnicas rigorosas para a conversão ao modelo orgânico, seguindo as diretrizes do grupo "Vaca Morta" — coletivo que homenageia os pioneiros da agroecologia na região. O grupo realiza análises da conformidade orgânica mensais para assegurar o cumprimento de normas essenciais, como a manutenção de barreiras naturais contra a deriva de agrotóxicos de vizinhos, o controle manual de plantas espontâneas (sendo vedado o uso de dessecantes químicos), a preservação de nascentes, a gestão de resíduos sólidos e o bom convívio comunitário. Com a autorização para o plantio, procedeu-se ao cultivo de melão e melancia, utilizando sementes orgânicas e adubação com esterco de peru curtido, além de caldas naturais para o controle fitossanitário. Entretanto, o ciclo produtivo enfrentou severos desafios climáticos entre 2025 e 2026. Em setembro de 2025, o frio excessivo no solo impediu a germinação inicial. Um novo plantio em outubro também falhou, ocorrendo o estabelecimento das culturas apenas em novembro, o que representou um atraso considerável no calendário agrícola. Em dezembro de 2025, a alta amplitude térmica (noites frias e dias de calor intenso) causou danos fisiológicos às ramas, retardando o crescimento. Como consequência, em fevereiro de 2026, os frutos apresentavam calibre insuficiente para o mercado, tornando a comercialização inviável. Esse cenário de perdas foi compartilhado por produtores vizinhos, expondo a vulnerabilidade da região aos eventos climáticos e evidenciando a disparidade no acesso ao seguro agrícola, o que resultou na absorção integral dos prejuízos financeiros por parte deste projeto de transição. O relato ressalta que, embora a estrutura técnica orgânica estivesse consolidada, as instabilidades meteorológicas permanecem como o maior entrave para a viabilidade econômica imediata na fruticultura local.

Palavras-chave: agricultura familiar, alimentos orgânicos, sustentabilidade.

Apoio: UFFS; Rede Ecovida de Agroecologia.